

## ÍNDICE

1. O OCEANO	9
2. AS LONTRAS-MARINHAS	12
3. A ROBOT	15
4. A ROBOT LIBERTA-SE	16
5. O CEMITÉRIO DOS ROBOTS	18
6. A ESCALADA	21
7. A NATUREZA SELVAGEM	24
8. AS PINHAS	27
9. A MONTANHA	29
10. UM LEMBRETE	32
11. A ROBOT ADORMECE	33
12. A TEMPESTADE	34
13. O RESCALDO	38
14. OS URSOS	40
15. A FUGA	43
16. O PINHEIRO	46
17. O INSETO CAMUFLADO	<b>48</b>

18. A ROBOT CAMUFLADA	50
19. AS OBSERVAÇÕES	53
20. A LINGUAGEM DOS ANIMAIS	54
21. A APRESENTAÇÃO	57
22. A NOVA PALAVRA	61
23. A RAPOSA FERIDA	62
24. O ACIDENTE	65
25. O OVO	67
26. O ATOR	71
27. O GANSINHO	77
28. A GANSA VELHA	80
29. OS CASTORES	87
30. O NINHO	91
31. A PRIMEIRA NOITE	97
32. OS VEADOS	99
33. O JARDIM	101
34. A MÃE	104
35. A PRIMEIRA NATAÇÃO	108
36. O GANSINHO CRESCE	114
37. O ESQUILO	116
38. A NOVA AMIZADE	118
39. O PRIMEIRO VOO	120
40. O NAVIO	125
41. O VERÃO	127
42. A FAMÍLIA ESTRANHA	131
43. O GANSINHO VAI EMBORA	135

44. O FUGITIVO	138
45. OS ROBOTS MORTOS	141
46. A LUTA	147
47. A PARADA	153
48. UM PÉ NOVO	158
49. O VOADOR	163
50. O BOTÃO	165
51. O OUTONO	169
52. O BANDO	172
53. A MIGRAÇÃO	175
54. O INVERNO	180
55. OS HÓSPEDES	185
56. OS NOVOS ABRIGOS	189
57. O FOGO	193
58. AS CONVERSAS	196
59. A PRIMAVERA	201
60. O PEIXE	204
61. AS HISTÓRIAS DA ROBOT	208
62. O REGRESSO	209
63. A VIAGEM	211
64. A ROBOT ESPECIAL	220
65. O CONVITE	222
66. A CELEBRAÇÃO	224
67. O NASCER DO SOL	228
68. OS RECOS	230
69. A ROBOT AVARIADA	234

70. A CAÇADA COMEÇA	238
71. O ASSALTO DA FLORESTA	240
72. O RUGIDO DA MONTANHA	244
73. A PERSEGUIÇÃO	251
74. O CLIC	257
75. A ÚLTIMA ARMA	260
76. A ROBOT DESTROÇADA	265
77. A REUNIÃO	267
78. A DESPEDIDA	271
79. A PARTIDA	275
80. O CÉU	276
UMA NOTA SOBRE A HISTÓRIA	279
SOBRE O AUTOR	283
AGRADECIMENTOS	285

#### 1 0 OCFANO

A nossa história começa no meio do oceano, com vento e chuva e trovões e relâmpagos e ondas. Durante toda a noite, um furação rugiu e trovejou. E, no meio daquele caos, afundava-se um navio.

mais

mais

mais

até ao fundo do mar.

O navio deixou centenas de caixotes a flutuar à superfície. Mas, à medida que o furação os despedaçava e rodopiava e engolia, os caixotes também se iam afundando nas profundezas. Um a seguir ao outro, todos foram engolidos pelas ondas, até que só cinco caixotes sobraram.

De manhã, o furação tinha partido. Não havia nuvens, nem navios, nem terra à vista. Só havia água e céu limpo e aqueles cinco caixotes flutuando preguiçosamente na corrente marítima. Os dias passaram. E então,

uma nesga de verde apareceu no horizonte. À medida que os caixotes se aproximavam, aquelas formas verdes e indistintas definiram-se lentamente nas arestas pontiagudas de uma rochosa ilha selvagem.

O primeiro caixote aproximou-se da ilha no rebuliço de uma onda enorme e embateu contra as rochas com tal força que se despedaçou completamente.

Mas, leitor, o que eu não referi é que, muito bem embalado dentro de cada caixote, estava um robot novinho em folha. O tal navio de carga transportava centenas deles quando foi engolido pela tempestade. Agora só sobravam cinco robots. Na verdade, só sobravam quatro, porque quando o primeiro caixote se desfez contra as rochas, o robot que estava lá dentro ficou em pedaços.

Aconteceu a mesma coisa ao caixote seguinte. Esmagouse contra as rochas e voaram partes de robot por todo o lado. E a seguir aconteceu o mesmo. E ao quarto também. Membros e troncos de robots eram atirados para terra. Uma cabeça de robot caiu numa poça criada pela maré. Um pé de robot deslizava na crista da onda.

Chegou então o último caixote. Seguiu o mesmo rumo que os outros mas, em vez de se desfazer contra as rochas,



embateu nos destroços dos outros quatro caixotes. Depois, mais ondas o levantaram para fora da água. Voou pelo ar, rodopiando e brilhando, até cair com estrondo numa plataforma de rocha. O caixote estava rachado e amassado, mas o robot que transportava estava a salvo.



### 2 AS LONTRAS-MARINHAS

A costa norte da ilha tinha-se transformado numa espécie de cemitério de robots. Espalhados por entre as rochas, estavam os corpos desfeitos de quatro robots mortos. Brilhavam à luz da madrugada. E o brilho captou a atenção de algumas criaturas muito curiosas.

Um grupo de lontras-marinhas divertia-se por entre a maré baixa quando uma delas reparou nuns objetos



brilhantes. Todas pararam de repente. Levantaram os focinhos para sentir o vento, mas só lhes cheirou a mar. Por isso, esgueiraram-se cautelosamente por entre as rochas para verem melhor.

O grupo aproximou-se devagar de um torso de robot. A lontra maior estendeu a pata, deu um golpe no pesado objeto e saltou rapidamente para trás. Mas nada aconteceu. Então aproximaram-se de uma mão de robot. Outra lontra corajosa estendeu a pata e golpeou a mão. Esta fez um bonito som ao bater nas rochas, e as lontras-marinhas guincharam de prazer.

Espalharam-se por ali e brincaram com braços e pernas e pés de robots. Outras mãos voaram pelos ares. Uma das lontras descobriu uma cabeça de robot numa poça de água e todas as outras mergulharam, levando a cabeça ao fundo e trazendo-a à superfície.

E foi aí que repararam noutra coisa. Um pouco acima daquele cemitério encontrava-se o caixote sobrevivente. Estava partido e riscado dos lados, e tinha uma enorme fenda ao longo da tampa. As lontras-marinhas arrastaram-se pelas rochas acima e treparam até ao enorme caixote. Dez focinhos peludos espreitaram pela fenda, ansiosos por ver o que estava lá dentro. E o que viram foi outro robot, novinho em folha. Só que este robot era diferente dos outros. Ainda estava inteiro. E estava rodeado de espuma fofa e divertida.

As lontras-marinhas meteram as patitas pela fenda e desfizeram a espuma. Era tão mole e suave! Guinchavam enquanto iam desfazendo a cobertura tufada. Pedaços dela voavam na brisa marítima. E, no meio de toda aquela excitação, uma delas tocou acidentalmente num pequeno e importante botão na parte de trás da cabeça do robot.

Clic.

Ainda demorou um bocadinho até as lontras perceberem que estava a acontecer qualquer coisa dentro do caixote. Mas, passado um momento, ouviram-no. Um som baixo e arrastado. Pararam todas, e olharam-no fixamente. Mas não era «um» robot, e sim «uma» robot.

#### 3 **A ROBOT**

O cérebro computorizado da robot ligou-se. Os seus programas começaram a funcionar. E depois, ainda dentro do caixote, ela começou automaticamente a falar.

- Olá, sou a unidade ROZZUM 7134, mas podes chamar-me Roz. Enquanto os meus sistemas robóticos se ativam, vou falar um pouco de mim.
- » Depois de estar plenamente ativada, poderei mover-me e comunicar e aprender. Se me derem uma tarefa, eu cumpri-la-ei. Com o tempo, encontrarei melhores formas de cumprir as minhas tarefas. Tornar-me-ei numa robot melhor. Quando não for necessária, não atrapalharei, e manter-me-ei em bom estado funcional.
  - » Obrigada pelo teu tempo.
  - » Estou, neste momento, completamente ativada.

#### 4 A ROBOT LIBERTA-SE

Como já deves saber, os robots não sentem realmente emoções. Não como os animais sentem. E, no entanto, enquanto estava sentada no seu caixote desfeito, a Roz sentiu algo como curiosidade. Estava curiosa acerca da bola de luz quente que brilhava lá em cima. Por isso, o seu cérebro computorizado começou a trabalhar, e ela identificou a tal luz. Era o sol.

Ela sentiu o seu corpo a absorver a energia do sol. Sentia-se mais desperta a cada minuto que passava. Quando a sua bateria estava carregada e pronta, a Roz olhou em volta e percebeu que estava metida dentro de um caixote. Tentou mexer os braços, mas estavam presos com cordas. Então fez um pouco mais de força, os motores dos seus braços guincharam um bocadinho mais, e as cordas rebentaram. Depois levantou as mãos e abriu o caixote. Como um filhote a libertar-se de um ovo, a Roz saiu para o mundo.



# O CEMITÉRIO DOS ROBOTS

As tais lontras-marinhas estavam agora escondidas atrás de uma rocha. As suas cabeças redondas espreitavam nervosamente, para verem o monstro brilhante que emergia do caixote. O monstro rodou a cabeça devagar, enquanto observava a costa. A sua cabeça rodava completamente, e deu a volta completa, continuando a rodar até ficar a olhar diretamente para os animais.

— Olá, lontras. Chamo-me Roz.

A voz da Roz foi demais para as assustadiças lontrasmarinhas. A lontra maior guinchou e, de repente, todo o bando desapareceu. Arrastaram-se a grande velocidade ao longo do cemitério dos robots, saltaram para o mar e atravessaram as ondas o mais depressa que conseguiram.

A Roz viu-as a afastarem-se, mas os seus olhos estavam presos aos objetos brilhantes que enchiam a praia. Pareciam-lhe estranhamente familiares. Levantou a perna esquerda, depois a direita e, num ápice, deu os seus primeiros passos. Afastou-se do caixote, caminhou sobre as rochas em direção ao cemitério dos robots e parou junto de um corpo de robot partido. Baixou-se e reparou na palavra ROZZUM gravada superficialmente no torso. Reparou que existia a mesma palavra em todos os torsos, inclusive no seu.

Continuou a explorar o local até que uma pequena onda veio rebentar alegremente nas rochas. A Roz recuou automaticamente. A seguir, uma onda maior rebentou na sua direção, e ela afastou-se de novo. E então uma onda gigante abateu-se sobre as rochas e inundou todo o cemitério dos robots. Uma tromba de água caiu sobre ela, deitando-a ao chão, e os seus Sensores de Estragos ativaram-se pela primeira vez. Um momento depois, a onda tinha recuado, e a Roz estava ali deitada, a pingar e amolgada, rodeada por robots mortos.

Conseguia sentir o seu Instinto de Sobrevivência — a parte do seu cérebro computorizado que a fazia querer evitar o perigo e tomar conta de si mesma, para poder continuar a funcionar corretamente. O seu instinto incitava-a a afastar-se do mar. Levantou-se com cuidado e reparou que, bem acima da costa, a terra estava cheia de árvores e flores e ervas. Lá em cima as coisas pareciam mais seguras e exuberantes. Parecia um

lugar bem melhor para uma robot. Só havia um problema. Para chegar lá acima, ela teria de escalar os penhascos sobre o mar.

#### 6 A ESCALADA

Crac!

Tum!

Toing!

A Roz estava a ter alguma dificuldade em escalar o penhasco. Tinha uma nova amolgadela nas costas e um longo risco de lado. E estava prestes a riscar-se outra vez quando um caranguejo surgiu de debaixo de um pedaço de madeira.

O caranguejo olhou para ela e levantou imediatamente as suas pinças gigantes. Todos tinham medo das suas pinças. Mas a Roz não. Olhou para ele e apresentou-se:

— Olá, caranguejo. Chamo-me Roz.

Depois de uma breve troca de olhares, o caranguejo recuou cautelosamente. E foi então que a Roz se apercebeu de como ele se movia de forma tão fácil sobre as rochas. Com a sua carapaça bem larga e as suas patas flexíveis, o caranguejo conseguia deslizar para cima e para

baixo em qualquer superfície rochosa. Por isso, a Roz decidiu experimentar a sua técnica trepadora. Estendeu os braços e fixou as mãos de lado, nos rochedos. Meteu um pé num buraco e levantou o outro pé até uma saliência mais acima, e de repente já estava a trepar.

Ao princípio, os movimentos da Roz pareciam esquisitos. Um pedaço de rocha caiu-lhe na cabeça, e tinha dificuldade em encontrar apoios para os pés. Mas quanto mais alto subia, mais à vontade se sentia.

Quando se aproximava muito dos ninhos das gaivotas nas rochas, elas guinchavam e afastavam-se a voar. Mas a Roz não lhes ligava nenhuma. Estava concentrada em chegar lá acima. Subiu, subiu, subiu, trepando metodicamente, passando por ninhos e plataformas e minúsculas árvores enraizadas em falhas das rochas, e, algum tempo depois, sentiu o suave chão da ilha debaixo dos pés.





Só quando estava outra vez a brilhar é que continuou a caminhar pela floresta.

A Roz prosseguiu até encontrar uma clareira aberta e lisa, atapetada com agulhas de pinheiro. Parecia-lhe um lugar seguro, e o que uma robot queria realmente era sentir-se em segurança, pelo que ali ficou, sem se mover, toda ela feita de linhas e ângulos perfeitos, em contraste com as formas irregulares da natureza selvagem.





